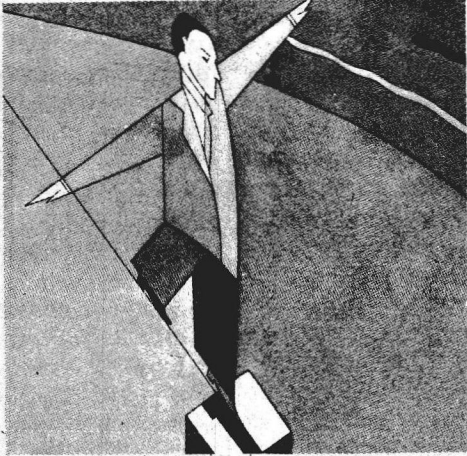


Dourados, a hora da indústria.

Pólo de uma das regiões mais ricas do Centro-Oeste, a cidade tem 160 mil habitantes, que se beneficiam do progresso trazido pela soja e trigo.

Em 1981, Cixto Pêrsico, então pequeno comerciante de frutas de Caxias do Sul, no interior gaúcho, resolveu conhecer Dourados, no Mato Grosso do Sul, onde, segundo ouvia falar, corria um rio de dinheiro. Apesar da recessão econômica registrada no país naquele ano, ele aproveitou a viagem, que fez com seu filho mais velho, Almir, e levou algumas caixas de uva numa velha camioneta Ford. Vendeu tudo e voltou várias vezes. Sem dinheiro, conta ele, dormia embaixo da camioneta.



Oito anos depois, a família Pêrsico é dona da maior casa de frutas de Dourados — 160 mil habitantes, a 220 quilômetros de Campo Grande. Com o dinheiro que arrecadou ali ampliou a pequena mercearia em Caxias do Sul, hoje transformada num mercado de frutas e frios, construiu um prédio de quatro andares, comprou um terreno e uma casa numa das áreas mais valorizadas de Dourados. Este ano, o filho Almir, encarregado dos negócios no Mato Grosso, pretende comprar mais um terreno e instalar uma nova câmara fria, num investimento de quase NCz\$ 400 mil.

A história da família Pêrsico, que continua trazendo frutas e frios de Caxias, agora em dois caminhões novos, adquiridos recentemente, é uma mostra do que acontece na cidade que ainda mantém a fama de ser um eldorado brasileiro. “Diziam que aqui tinha terra boa e muito dinheiro, viemos conferir”, conta Cixto Pêrsico. “Os gaúchos vinham plantar soja e criar gado. Nós só sabíamos vender frutas e, mesmo assim, os negócios deram certo”, diz ele, que agora se prepara para abrir uma filial na cidade vizinha de Ponta Porã.

Depois do boom agrícola e comercial, a cidade começa a incentivar as indústrias.

Com ruas largas e empoeiradas, o setor de construção civil completamente incipiente e um processo de industrialização que só agora começa a surgir, Dourados ainda tem seu ponto forte na pecuária e na agricultura, diretamente responsáveis pela vitalidade do comércio. “Aqui é só abrir uma porta de loja, que num instante vira uma rede comercial”, conta o ex-radialista Luiz Carlos Mattos Filho, hoje um dos grandes comerciantes da cidade.

Mattos, que trabalhava na Rádio Jovem Pan, em São Paulo, chegou a Dourados há quinze anos, para ficar apenas três meses, encarregado do projeto de implantação da rede local de televisão, a TV Caiuás. “Percebi de saída que a crise, quando chega aqui, descansa. Então, nunca mais fui embora”, diz ele, satisfeito por ter trocado os microfones pelo mundo dos negócios.

Dono de uma rede de açougues e da concessionária Fiat — que, proporcionalmente ao número de habitantes, é a que mais vende no País — Mattos garante que, se não assistisse à televisão nem lesse jornais, não saberia das dificuldades econômicas enfrentadas pelo País.

A prefeitura de Dourados não tem números que expliquem o que acontece na cidade, onde as concessionárias de carros e máquinas agrícolas dificilmente conseguem atender à demanda, independentemente das safras agrícolas. Mas, segundo o prefeito, Antônio Braz Melo, do PMDB, Dourados é pólo de uma das regiões mais ricas do Centro-Oeste. No chamado “Cone Sul” do Mato Grosso concentra-se a maior parte do rebanho de 17 milhões de cabeças de gado da região. A produção de

trigo ficou no ano passado em 500 mil toneladas, para um consumo interno de apenas 100 mil toneladas. O resto é vendido para outros Estados.

“Dourados é a única cidade de médio porte num raio de mais de 100 quilômetros”, explica o prefeito Braz Melo, “e todos os recursos gerados nesta região passam por aqui”, o que justifica a instalação das 45 agências bancárias na cidade, que conta ainda com cinco rádios, oito escolas de ensino superior e cinco retransmissores de televisão. Com 160 mil habitantes, Dourados tem quase 2 mil estabelecimentos comerciais e há mais de vinte anos não registra nenhuma queda na arrecadação do ICM, que no ano passado ficou em NCz\$ 4 milhões. “Para se fazer uma idéia, temos um terço da população de Campo Grande e arrecadamos quase a mesma coisa em impostos municipais”, diz o prefeito.

Braz Melo faz previsões bastante otimistas para a cidade. “Eu não vejo como não crescer aqui”, diz ele, “especialmente depois que estamos nos transformando numa cidade de verdade, numa comunidade com sentimento cívico”. A fama do dinheiro fácil, explica o prefeito, chegou a prejudicar o desenvolvimento da cidade. “As pessoas chegavam aqui para ganhar dinheiro e ir embora, ninguém cuidava realmente da cidade. Agora que vamos entrar num processo de desenvolvimento industrial e que Dourados assume sua condição de cidade-pólo, as pessoas começam a vir para ficar”, diz ele.

A indústria ainda engatinha e para tentar acelerar o processo, a prefeitura abriu uma linha de incentivos que isenta de ICM, por cinco anos, as empresas interessadas em se instalar nesse prazo até aqui, a indústria participa com apenas 7% da arrecadação de impostos provenientes principalmente dos curtumes que proliferaram nos últimos anos. Um indício de que a situação começa a mudar é a instalação, pelo grupo Zarhan, um dos maiores do Mato Grosso do Sul, de uma indústria que, quando começar a operar, terá capacidade para moagem de até 15 mil toneladas de soja por dia.

O pecuarista Célio Vilela, que prefere não falar nas riquezas que acumulou desde que chegou a Dourados, no início dos anos 70, também não tem dúvidas de que o próximo passo é a industrialização. Dono de seis fazendas de gado, produtor de soja e trigo, além de criador de cavalos de raça, Vilela diz que quando chegou a Dourados comprou um pequeno sítio, com a ajuda de um tio. “Com terra fértil e clima bom como esse, basta trabalhar com garra”, ensina. “O meio rural ainda é uma grande alternativa, mas em Dourados esta alternativa já está-se esgotando e a saída agora é a industrialização das nossas matérias-primas.”

Caracterizada por grandes latifúndios — médios produtores são minoria e os pequenos praticamente não existem — a região vem conhecendo uma valorização rápida das terras, que dificilmente são colocadas à venda, conta o pecuarista. Há alguns meses, podia-se comprar um alqueire de terra por NCz\$ 10 mil. No início de junho, a cotação já chegava a NCz\$ 30 mil. Na área urbana, a valorização dos terrenos é ainda mais espantosa, segundo conta o comerciante gaúcho Cixto Pêrsico, que há algum tempo estava disposto a pagar NCz\$ 50 mil por um terreno ao lado de sua casa de frutas, no centro da cidade. “Agora estou oferecendo NCz\$ 200 mil e não consigo comprar, porque o dono não quer vender”, lamenta.

Maria do Carmo Batiston



Anita e Cixto Pêrsico, sucesso com frutas e verduras.

Fotos: Sergio Vieira/A.E.